

liberta, apropriador de sua generidade social, num processo permanente de autoconstrução humana, se vê na condição de trabalhar para garantir o mínimo necessário à sua sobrevivência, coagido por forças extra-econômicas. Constitui-se, nos termos chasinianos, um universo do capital sem mercado, formando-se um processo de acumulação industrial sob gestão político-estatal-partidária.

Segundo Chasin, é precisamente nesta apropriação do trabalho morto que o monstro político é gerado. Não o inverso, como muitos tentaram explicar o fenômeno, pelo conceito de “totalitarismo” ou pelo “simbólico”. Do baixo padrão do sistema produtivo — que produz o capital estagnante —, “o que resulta e se manifesta é a liberdade irresponsável da liberdade” do trabalho em face da autoconstrução humana. Os produtores diretos são impedidos, objetivamente, de exercerem a responsabilidade social por meio da

autodeterminação do trabalho. “Não se verifica, nem poderia se verificar”, enfatiza Chasin, “o trânsito para a regência do trabalho vivo... Razão pela qual reproduz, em graus distintos, a miséria física e espiritual, desnaturando, tal como no capitalismo, a atividade humana fundamental — a construção do próprio homem”.

\*

Imbuído de honestidade pessoal básica, Chasin visava batalhar, desde já, pela autoconstrução humana e a permanente resistência aos estranhamentos e manipulações, voltando-se quotidianamente à formação de individualidades conscientes da barbárie do capital. Intelectual íntegro e rigoroso, empreendedor e generoso, autêntica personalidade conseqüente, a ele certamente caberia com precisão a síntese lukacsiana contra o pensamento de Heidegger: “Só uma vida provida de sentido pode terminar com uma morte provida de sentido”.

## Em memória de Maurício Tragtenberg: a perda de um *intelectual herético*\*

Ricardo Antunes\*\*

Em novembro passado faleceu Maurício Tragtenberg. A universidade, as ciências sociais, a pedagogia, o pensamento social, os estudantes, os trabalhadores, perderam um de seus intelectuais mais vigorosos. Neto de imigrantes camponeses, judeus-russos, nascido em Erebango (hoje Getúlio Vargas) no Rio

Grande do Sul, Maurício Tragtenberg tornou-se um dos mais criativos intelectuais brasileiros da geração que produziu a partir dos anos 60.

Autodidata, espírito avesso às artimanhas burocrático-acadêmicas, Maurício Tragtenberg foi responsável por uma das mais instigantes e agudas críticas

\* Este artigo é uma versão *bastante ampliada* daquele publicado na *Folha de S. Paulo*, “Tendências & debates”, em 14/1/99.

\*\* Professor do Departamento de Sociologia da Unicamp.

contemporâneas, feitas no Brasil, à burocracia. Toda sua formação básica deu-se fora do ensino formal, tendo freqüentado por pouco tempo o ensino básico. Mas desde cedo, fora um leitor e verdadeiro devorador de livros, que eram lidos e assimilados por Maurício nos estudos feitos na comunidade camponesa onde nasceu. Foi mais tarde, na Biblioteca Municipal de São Paulo, que aprofundou seus estudos e veio a conhecer vários colegas universitários, onde encontrou apoio e incentivo para ingressar na universidade.

Seu primeiro livro *Planificação: desafio do século XX* (Ed. Senzala), apresentado como monografia para o ingresso na graduação da USP (uma vez que ele não tinha a escolaridade formal necessária para tanto), sistematizava essa sua primeira fase de leituras e fazia aflorar aquele que se consolidaria como seu *método* de pesquisa e seu *estilo*: navegar com desenvoltura pelo pensamento clássico moderno, com amplo domínio da história e procurando sempre entender alguns dos desafios mais candentes da contemporaneidade. Nesse livro de juventude, pré-universitário, tematizou acerca dos mecanismos socioeconômicos do planejamento e da planificação, “antes como categoria *histórica*, do que categoria *lógica* propriamente falando”. Maurício Tragtenberg discorria (livremente) sobre o espírito burguês na França, o espírito puritano na Inglaterra, a via norte-americana, a herança bizantina na formação do Estado russo, os dilemas da Revolução Russa, as inter-relações entre Ocidente e União Soviética, entre outras questões.

Antonio Candido, ao apresentar aquele livro, fez a seguinte síntese: “Com honestidade e heterodoxia, longe de dogmas e preconceitos, o autor circula

entre fatos históricos, sociais e econômicos com uma formosa liberdade, manifestando a cada instante uma equação pessoal que não se quer omitir e que atua como presença fecundante.” Livro primeiro que anunciava uma produção que se ampliaria e se diversificaria até sua triste morte, em 1998.

No seu clássico *Burocracia e ideologia* (Ed. Ática), seu trabalho de maior fôlego, apresentado como tese de doutorado na USP, ofereceu um abrangente desenho histórico-crítico da dominação burocrática. Aqui, respaldado nos clássicos, particularmente em Weber, Marx e Hegel, fez uma abrangente análise crítica da burocracia, desde sua aparição no modo de produção asiático da China, Índia e Egito, até as corporações capitalistas modernas, bem como sua vigência na sociedade soviética, onde na forma de um “*coletivismo burocrático*, a burocracia detém coletivamente a propriedade dos meios de produção e o monopólio do poder político. O proletariado não participa da direção da produção, está relegado às funções de pura execução”. Apesar de sua forte ancoragem em Weber, mostrou como o “*modelo weberiano*, para qual a burocracia se esgota como *organização formal*, não explica situações em que a burocracia *não* é agente dos detentores do poder econômico — como no capitalismo clássico — mas definida como um poder econômico e politicamente dominante”. A crítica ampla a Henry Ford, Taylor, Elton Mayo, bem como ao *chão histórico-social* que as gerou, é outro traço marcante do livro.

A questão da burocracia, da administração, do poder, das formas de opressão e dominação foi o verdadeiro *leitmotif* da reflexão de Tragtenberg: “(...) a essência da grande corporação moderna, criação do

capitalismo norte-americano, consiste em manter e reproduzir as relações de produção capitalistas, onde os gerentes asseguram a harmonia entre capitalistas, acionistas, fornecedores, operários e técnicos que nela trabalham”. (*Administração, poder e ideologia*, Ed. Moraes).

Suas aulas na FGV eram sempre das mais concorridas. O aluno sabia que iria postar-se à frente a um espírito singular, demolidor das iniquidades, das hierarquias, das dominações do capital, mas também frente a um crítico arguto do stalinismo, das aberrações cometidas *em nome do socialismo*, das formas da dominação exercidas *em nome* (e *contra*) os trabalhadores.

Depois de curtíssima passagem pelo PCB (onde, segundo relata Tragtenberg, “vigorava em seus estatutos o infamante artigo 13 que rezava: ‘É proibido ao militante (do PCB) ter contato direto ou indireto com trotskistas ou outros inimigos da classe operária’”, *Folha de S. Paulo*, 2/11/82), sua atuação política estava durante muito tempo próxima de Hermínio Sacchetta, jornalista que fez escola na imprensa brasileira. Como disse Tragtenberg: “Sob influxo do ‘Velho’, líamos e fazíamos a crítica dos clássicos do bolchevismo, sem perder de vista que a realização de um projeto socialista não passa pela mera substituição de homens no poder do Estado, mas na ruptura com as formas de exploração e dominação existentes”. (*Idem*). E foi nesse universo que sua crítica societal e sua relativa recusa da *política institucionalizada* cada vez mais se aproximava do ideário anarquista. Porém, aqui também Maurício era desconfiantemente heterodoxo.

Num instigante ensaio sobre as relações entre Marx e Bakunin, disse Maurício Tragtenberg: “(...) enquanto Marx estru-

turava uma obra crítica à economia capitalista em *O Capital*, não se encontrava na obra de Bakunin algo parecido, nem no conjunto das obras dos chamados ‘libertários’ que se opõem aos chamados ‘autoritários’, como Rocker, Kropotkine ou Broockin”. Maurício Tragtenberg mostrava que a “estrutura centralizadora, autoritária e jacobina” estava presente na formulação de Bakunin e não naquela formulada por Marx. (“Marx/Bakunin” em *Marx hoje*, Ed. Ensaio)

Maurício Tragtenberg foi um intelectual *herético*. Foi, ao mesmo tempo, fortemente influenciado por Marx, Weber, pelos anarquistas e também por Trotski. Disso resultou um autor criativo e agudamente crítico da sociabilidade contemporânea, agudamente anticapitalista e contrário às formas de opressão antioperária. Ele atava vivamente sua reflexão teórica ao solo societal brasileiro marcado por iniquidades que até hoje se prolongam. Fizeram história alguns de seus artigos, publicados em “Tendências & debates” desta *Folha*, em que Maquiavel, Weber apareciam “respondendo” questões sobre a particularidade brasileira, como se Maurício fosse um repórter entrevistando os clássicos redivivos. Combinando erudição, perspicácia sobre a política brasileira e sempre uma fina ironia, oferecia aos leitores elementos da crítica dos clássicos, remontando entrevistas que eram peças jornalísticas saborosas. Também nestes artigos de imprensa, foi pioneiro, entre nós, na crítica ao toyotismo, antes que esse ideário e essa pragmática se tornassem lugar comum na empresa moderna e viessem a substituir e/ou mesclar-se ao taylorismo, ao fordismo e à Escola de Relações Humanas de Elton Mayo.

Tivemos o privilégio de dividir, Afrânio Mendes Catani e eu, uma sala

docente junto com Maurício Tragtenberg, na FGV-SP, na segunda metade dos anos 70. Em sua mesa de trabalho existia uma máquina de escrever tipo Remington, bastante antiga, que teclava compulsivamente, sempre com um cigarro do lado esquerdo da boca. Ele tinha uma enorme capacidade de escrever, conversar e fumar, simultaneamente. Dessa Remington saíram artigos dos mais críticos à ordem dominante, para quem conhecia a administração e a lógica do capital, trabalhando na Escola que mais qualificações e atributos tinha nestes quesitos (e que, diga-se de passagem, era então generosa no acolhimento daqueles que, como Maurício, entendiam a ciência com os olhos no mundo do trabalho). Sua

coluna sindical no jornal *Notícias Populares* era uma incansável tribuna de defesa dos trabalhadores, a que Maurício dava sempre vez e voz.

Da FGV à PUC, passando pela Unicamp (e anteriormente ainda pela Faculdade de Filosofia de Rio Preto, de onde fora demitido depois do Golpe Militar de 64), muitos foram os alunos e colegas que aprenderam com Tragtenberg. Sua maior lição talvez seja ter combinado erudição e simplicidade, reconhecimento acadêmico e espírito crítico. Mas foi antes de tudo um exemplo de enorme, de incomensurável generosidade, capaz de dar espaço e voz àqueles que tinham dificuldade de encontrá-la e expressá-la. Todos sentiremos muito a falta de Maurício Tragtenberg.

ANTUNES, Ricardo. (Nota em homenagem a Maurício Tragtenberg: a perda de um intelectual herético). *Crítica Marxista, Xamã*, v.1, n.8, 1999, p.179-182.

***Palavras-chave:*** Homenagem; Maurício Tragtenberg.